GEOGRAFIA E O TEMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA A SUSTENTABILIDADE: entrelaçamentos entre espaço geográfico e espaços educadores sustentáveis nas propostas formativas para a Educação Básica

18. Propostas teóricas e metodológicas para o ensino de Geografia Física e temáticas ambientais

Ana Gicélia do Nascimento Sousa – Mestranda em Educação Universidade Federal do Maranhão – UFMA; Luís José Câmara Pedrosa – Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA - E-mail: lucampee@yahoo.com.br

RESUMO

A Geografia pode nos fornecer subsídios que favorecem a compreensão do conceito de espaços educadores sustentáveis, a partir do seu objeto de estudo e elementos estruturantes em consonância com o tema Educação Ambiental, apoiada também dos aportes da Teoria Crítica e da Teoria das Representações Sociais que consideram as intervenções humanas no meio ambiente, partindo essencialmente do contexto dos espaços vividos. Este trabalho tem como objetivo analisar os conteúdos propostos no Curso de Educação Ambiental oferecido pelo Núcleo de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), em São Luís – Maranhão e como esses se articulam nas ações orientadas pelo curso nas escolas dessa rede de ensino. A discussão perpassa por todas as referências que os membros tanto da comunidade escolar, quanto do entorno, acumulam, desenvolvem e elaboram sobre o processo de preservação e sustentabilidade socioambiental.

Palavras-chave: Formação, Currículo, Espaços Educadores Sustentáveis, Educação Básica

INTRODUÇÃO

A Geografia enquanto ciência do espaço busca compreender como os indivíduos e os grupos dos quais faz parte, modificam a natureza, analisando a partir daí quais as construções sociais, culturais e históricas surgem da interação com esse espaço.

As primeiras relações que o ser humano enquanto ser social estabelece, é com o lugar, espaço habitado por ele, o espaço que podemos a grosso modo caracterizar como o território que “a vista alcança”, tais sejam a sua casa, a sua rua, o seu bairro, a escola, os espaços próximos, palpáveis e cheios de sentido e significado. Percebendo-se assim, que tudo que o ser humano constrói, pensa, deseja, além de suas necessidades básicas como alimentação,

abrigo, vestuário, comunicação, partem da sua relação com o lugar, bem como, de sua representação sobre ele.

O espaço geográfico foi se modificando à medida em que povos foram constituindo seus hábitos a partir das necessidades mais prementes e das suas relações com as questões naturais, como o clima, o relevo, a vegetação, a fauna local, dentre outros fatores geográficos que determinam os modos de ser e de viver de um grupo humano. Esses fatores são desde muito tempo, determinantes para a identidade dos habitantes de determinado lugar. Neste sentido, a ideia de lugar se relaciona diretamente com a de espaço em que as pessoas se reconhecem como partícipes, formando assim uma comunidade. Esses dois conceitos, portanto, se referem às noções de compartilhamento, pertencimento, reconhecimento, a partir dos quais a comunidade vai trocando experiências, vivências, transformando o espaço de modo que ele se ajuste às práticas e objetivos comuns.

Esses aspectos vão então criando a cultura, ao estabelecer dispositivos de marcação espaço-temporal, como por exemplo o hábito das populações primitivas de associar os ciclos da natureza com suas crenças em deuses e divindades, constituindo para isso as efemérides (datas comemorativas) relacionadas aos períodos de colheita e de certos fenômenos naturais para poder se situar no tempo, em um período que a comunicação oral se configurava como uma das formas mais efetivas de difusão das práticas culturais de um povo. Porém, com o advento da sociedade industrial, as datas que demarcavam as relações dos povos com a natureza e, consequentemente, com as expressões da cultura na forma de cerimônias, comemorações, celebrações, entre outras, foram completamente tomadas pelas demandas da produção e do consumo na fase industrial das sociedades capitalistas.

Para Marcuse (2015) a cultura industrial se apresenta como uma racionalidade instrumental que deve promover os produtos para o consumo do conjunto da sociedade capitalista. Para tanto, a abordagem, do autor da Teoria Crítica, considera necessário compreender como o processo de domínio da natureza por meio dos conhecimentos técnicos e científicos terminou resultando também nos processos de dominação dos demais espaços que abrigam as representações sociais, culturais e históricas.

A compreensão de que todos os espaços de trabalho devem seguir a mesma lógica que é própria da lógica administrativa na sociedade capitalista. No entanto, pode-se representar, concretamente, uma tensão crítica entre “o que é o espaço” e o que “deve ser o espaço”.

A experiência de aprendizagem pode repousar nas coisas como elas parecem e são dadas, ou ela alcança entender esse processo como um universo histórico, no qual os frutos estabelecidos são frutos da prática histórica do homem que estabelece outra relação com o ambiente.

Se a relação do ser humano com o ambiente se estabelece de forma predatória e subjugadora, ela pode também se estabelecer em micro espaços de maneira sustentável, como espaço de partilha e de construção de vivências comunitárias. O que nos direciona aos estudos das Representações Sociais, teoria estabelecida por Moscovici (2015), vista como uma maneira específica de compreender e comunicar o que já sabemos, tendo como objetivo, abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que o reproduzam de uma forma mais significativa de acordo com o contexto em que cada grupo social está inserido.

Como as percepções sobre meio ambiente e sobre o lugar são baseadas nessa comunicação entre os indivíduos a partir do senso comum que se tem sobre seus significados, as Representações sociais, como modalidade de conhecimento que se sistematiza a partir dessas trocas, pode ajudar na compreensão, dentro do contexto de uma determinada comunidade escolar, de que o lugar de vivência colabora sobremaneira com as discussões e intervenções necessárias para o desenvolvimento da Educação Ambiental na escola.

Para Castrogiovanni (2013) é necessário compreender o espaço da escola como um (sub) espaço Geográfico, ou seja, as interações que se dão no Mundo hoje acabam, de uma forma ou de outra, sendo projetadas nesse espaço.

Assim, com os conhecimentos a respeito de Espaço na disciplina Geografia e de Espaços Educadores Sustentáveis com o tema Educação Ambiental, alinhando-os como conceitos estruturantes da prática pedagógica transversal pode-se ampliar o entendimento de que precisamos transformar a nossa relação com o meio ambiente em situações que a racionalidade represente formas de reconciliação do homem com a natureza partir dos lugares de onde partem suas experiências vividas, ou seja, na escola, na casa, na comunidade e no trabalho.

Na direção de pensarmos os meios de intervenção nesse ambiente, buscaremos analisar a proposta pedagógica do Curso de Educação Ambiental oferecido pelo Núcleo de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), em São Luís – Maranhão.

METODOLOGIA

A análise dos conteúdos do Curso de Educação Ambiental do Núcleo de Educação Ambiental (NEA) da Secretaria Municipal de Educação do Município de São Luís se fundamenta no conceito de espaços educadores sustentáveis que proporciona a elaboração de uma proposta pedagógica que contemple as práticas transversais envolvendo conhecimentos da disciplina Geografia e do tema Educação Ambiental.

Baseados em Bardin (2011), apontamos três etapas para a análise de documentos: a escolha dos documentos sobre o Curso; tratamento com as informações contidas nesses documentos; e, finalmente a categorização baseada nos Referenciais Teóricos das Teorias Críticas e das Representações Sociais para a compreensão e aplicação desses conhecimentos a respeito dos conceitos de espaços educadores sustentáveis do tema Educação Ambiental articulada com a disciplina Geografia.

O conceito de Espaço para a Geografia, é segundo PEREIRA e CANO (2012), sem dúvida, o que mais expressa bem o objeto da Geografia, estando presente em um leque de proposições que debatem os temas dessa ciência. Para os autores, o Espaço é lugar quando se leva em conta que está em estreita correspondência com o social, com o vivido, gerando significado para as pessoas.

Para TRAJBER, R.; SATO, M. (2010) no conceito de espaços educadores pode-se observar a proposição de algumas práticas sustentáveis que podem ser efetivas em diversos espaços, sobretudo, no espaço da escola que envolve as três dimensões da cultura escolar: espaço físico, currículo e gestão.

Pensando-se em colaborar ações de desenvolvimento do currículo com o tema transversal Educação Ambiental das escolas da rede municipal de São Luís, os conteúdos do Curso de Educação Ambiental para a Sustentabilidade representam uma forma de abordar esses conhecimentos na sociedade contemporânea. Dentre os conteúdos trabalhados, na forma de seis práticas sustentáveis para serem aplicadas no espaço físico das escolas que devem ser trabalhados na perspectiva de espaços educadores sustentáveis, estão: viveiro de mudas, hortas, composteira, arborização, coletores de água da chuva, ventilação natural e conforto térmico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No campo de conhecimento educacional o tema Educação Ambiental, ancorado na Constituição Federal de 1988 (Art. 225, VI), na Lei nº 9.795, de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e a Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental como um instrumento de intervenção nos processos de ensino e aprendizagem que visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio Ambiente natural e construído.

Na perspectiva de uma formação tendo em vista, as áreas construídas e não construídas das escolas, os estudos de TRAJBER, R.; SATO, M. (2010) consideram necessário uma adequação em termos arquitetônicos para redesenhar os espaços de acordo com novas finalidades dos espaços incubadoras de mudanças para a sustentabilidade, assim como, redesenhar o currículo escolar e os processos de tomadas de decisão, coerentes com os princípios da sustentabilidade.

Baseando-se em conhecimentos geográficos que constituem-se dos conceitos de ecossistemas, bacias hidrográficas e relevo relacionados com o lugar no qual a escola está, espacialmente, inserida, deve-se alicerçar o diálogo em uma construção crítica que proporcione momentos de participação da comunidade escolar, dos pais e da comunidade do entorno da escola, com a intencionalidade de educar para a sustentabilidade socioambiental, integrando currículos, gestão e espaço físico em uma relação equilibrada com o meio ambiente, que se torne referência para o lugar.

Esse processo de inserção de novos elementos na cultura escolar não se dará naturalmente. Para tanto, faz-se necessário que as secretarias de educação proponham programas educacionais e que as escolas insiram em suas propostas curriculares o tema da Educação Ambiental com as condições para a criação de espaços educadores sustentáveis, reconhecendo que as práticas escolares são práticas sociais, portanto não se encontram num vazio.

Os processos formativos com a disciplinas Geografia e o tema transversal contemporâneo Educação Ambiental possibilitam redimensionar os conhecimentos sobre o espaço. Essa pode ser uma iniciativa importante no sentido de iniciar a proposição de programas para as secretarias e propostas curriculares para as escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Escolas sustentáveis e Com-Vida: processos formativos em educação ambiental.** Ouro Preto: UFOP, 2010.

_____. Ministério da Educação. **Espaços educadores sustentáveis. Salto para o Futuro**. Ano XXI. Boletim 7. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Os movimentos à necessária inquietude do saber geográfico – Novos desafios.** In____CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André; TONINI, Ivaine Maria (Org.). Movimentos no ensinar geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

MARCUSE, Herbert. **O Homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada.** Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes E Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 11ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PEREIRA, Robson da Silva; CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Coord.). **Coleção: A Reflexão e a prática de Ensino – Geografia.** São Paulo: Blucher, 2012

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

TRAJBER, R.; SATO, M. **Escolas Sustentáveis: Incubadoras de Transformações nas Comunidades.** Rev. eletrônica Mestrado em Educação Ambiental. ISSN 1517-1256, v. especial, setembro de 2010.